

Conversa Selada

*De Moreira Campos para a conterrânea Rachel,
uma carta-conto para falar dos elogios recebidos*

A ENTÃO CRONISTA do Diário de Notícias, Rachel de Queiroz, faz elogios ao primeiro livro de Moreira Campos. O conterrâneo escreve-lhe uma carta-conto falando do alvoroço que tomou conta da família depois que o texto foi publicado. "A sua palavra tem a força do vento, que corre livre e forte por esses Brasis agora", comentou o amigo. O Vida & Arte teve acesso à correspondência e trouxe em sua edição do último dia 20 de julho.

Portaleza, 17 setembro 49

5ª Parte

Rachel amiga:

Transcrições

"Notícia de um livro", do Diário de Notícias por mim, entre sobressaltos. Ao fim de tudo, estava reconciliado com a literatura, satisfeito com os críticos e compensado do grande trabalho que me deu *Vidas Marginais*.

Adormeci feliz e creio que tive sonhos leves.

O seu artigo pôs em polvorosa a burgo. Já muita gente aqui havia falado de bem do tal caderno. Mas a sua palavra tem a força do vento, que corre livre e forte por esses Brasis agora.

Telefonemas:

- Você leu o artigo da Rachel?!

- Zênaria, parabéns!

- Puxa! Vale uma consagração.

Que quer você? Na terra são raros os triunfos. As suas palavras tiveram o valor daquela cerimônia medieval em que se consagrava o moço cavaleiro: "per tua honra e por tua dama!" Sou hoje moço de cota-de-malhas e broquel de boa tempera. A ficção será a dama subjetiva. Já trago no rosto aquele ar superior e meio

Olavo Bilac – Obra Reunida*¹

Sânzio de Azevedo

Ao estrear-se em livro com *Poesias* (1888), quando o parnasianismo estava completamente definido no Brasil, Olavo Bilac (1865–1918) logo conheceu a glória literária. Em pouco tempo não havia quem não soubesse de cor os versos de *Ouvir Estrelas...*, título primitivo do soneto que, no livro, é o XIII da “Via-Láctea”: “Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo/Perdeste o senso! E eu vos direi, no entanto,/Que, para ouvi-las, muita vez desperto/E abro as janelas, pálido de espanto...”. Interessante é que ele seria paradoxalmente, dentro do grupo, o que mais próximo esteve do rigor do parnasianismo, com a sua forma impecável, sem as aféreses e sínopes herdadas do versejar romântico, e um dos que mais se afastaram da corrente, pelo sensualismo escaldante e o tom crepuscular dos últimos versos.

Das *Poesias*, que tiveram uma edição aumentada em 1902 e em que seria posteriormente incorporado o livro póstumo *Tarde* (1919), já houve inúmeras edições, atestando a persistência do prestígio do poeta junto do público. A sua bibliografia conta ainda com livros de crônicas, páginas de crítica, discursos e conferências, sem falar nas várias obras produzidas em colaboração com outros escritores.

Há muito se editam volumes com a obra completa ou seleccionada de poetas brasileiros, mas somente em 1996 veio a lume, pela Editora Nova Aguilar, do Rio de Janeiro, a *Obra reunida* de Olavo Bilac, com organização e introdução de Alexei Bueno. Compreendem o volume, além das *Poesias* (naturalmente incluído *Tarde*), as *Poesias Infantis* (1904) e os livros de prosa *Crítica e Fantasia* (1904), *Conferências Literárias*, com edição aumentada em (1912), o de crônicas *Ironia e Piedade* (1906), e *Últimas Conferências Literárias* (1924), de publicação póstuma.

* BILAC, Olavo. *Obra reunida*. Organização e introdução de Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

¹ COLÓQUIO / Letras, Lisboa, n. 161/162, jul.-dez., p. 478-479, 2002.

Justificando a selecção, explica o organizador que eliminou as obras escritas em parceria, bem como as assinadas com pseudónimo. Mas, embora desprezando as "de carácter menos literário, geralmente comandadas por necessidades materiais", inclui, como vimos, as *Poesias Infantis*, que sabemos feitas por encomenda do editor Francisco Alves, e que o próprio autor não incorporou nas *Poesias*.

Quanto aos textos refundidos por Bilac, pareceu-nos justo o procedimento do organizador, no que toca ao livro *Crónicas e Novelas* (1894): "O reaproveitamento de toda a primeira parte desse livro em *Crítica e Fantasia*, de 1904, sob o título 'Em Minas', bem como a não reedição das novelas que formavam a sua segunda metade, parece claramente indicar que só os textos republicados, exclusivamente, teriam mantido o interesse para o seu autor, motivo pelo qual nos sentimos desobrigados de reproduzir a totalidade da obra, uma vez expurgada e condensada em livro posterior pelo próprio poeta."(p.11)

Para darmos uma idéia do Bilac prosador, tomemos a crónica "Os Boers", em *Ironia e Piedade*:

Agredir um homem para lhe tomar o fruto das suas economias, é uma acção negra que leva a gente ao calabouço e ao patíbulo. Mas agredir um povo para lhe arrebatara fortuna, a liberdade e a honra, é uma acção gloriosa e bela, que se pratica com uma desfaçatez sem par. (p. 785).

Isto é de uma contundente atualidade. O que não é para admirar, pois Bilac tinha momentos de antecipação, como uma página de 1904, não recolhida em livro (mas citada por Brito Broca), em que dizia: "Talvez o jornal futuro [...] seja um jornal falado e ilustrado com projeções animatográficas", o que era prever o advento da televisão...

Por sinal, o poeta, que foi talvez o único no Brasil a solidarizar-se com o povo russo na tentativa de revolução de 1905 (facto ressaltado por Mário da Silva Brito), tinha, em 1904, uma idéia bem actual do que fosse o mito. Na crónica "Guilherme Tell", ainda de *Ironia e Piedade*, após comentar a descoberta, por historiado-

res, de que o herói da Suíça jamais existiu, passa a dizer, com base na viagem que fizera àquele país, que tudo ali evoca a saga do afrontador de Gessler. E conclui:

O facto é que, quando, na paisagem de uma região e no coração de um povo, se aprofunda, enraíza, aferra e vive uma lenda, transformada em religião, – essa lenda fica sendo uma luminosa, uma radiante, uma inapagável verdade./ Que dizem os historiadores? – Que Guilherme Tell nunca existiu? Pois a Suíça e a Terra inteira afirmam que Guilherme Tell existiu, – e existe.” (p. 753)

Dando-se a “lenda”, o vocábulo empregue pelo poeta, o sentido de mito, e pondo de lado a complexidade que este último sugere, podemos aproximar esta afirmação de Bilac de uma outra, de Fernando Pessoa, ao dizer, no poema “Ulisses”: “O mito é o nada que é tudo.”

Assim na visão (quase dizíamos antevisão) do poeta brasileiro, os suíços poderiam dizer, falando de Guilherme Tell, o que, ao aludir ao mitológico fundador de Lisboa (ou Ulissipona), disse Pessoa, ao mesmo poema: “Sem existir nos bastou.”

Mas Bilac foi acima de tudo poeta, e embora alguns livros didáticos insistiam em reduzi-lo ao autor da “Profissão de Fé” (“Não quero o Zeus Capitolino,/Hercúleo e belo,/Talhar no mármore divino/Com o camartelo”) talvez um de seus poemas menos felizes, pela intenção e pela realização, os que convivem com a sua obra hão-de sempre associar-lhe o nome a alguns sonetos da “Via Láctea”, onde se combinam o rigor clássico e a emoção romântica; ou “Inania Verba” (“Ah! Quem há-de exprimir, alma impotente e escrava,/O que a boca não diz, o que a mão não escreve?”); ou ainda “In Extremis”, “A Alvorada do Amor”, “Campo Santo”, “Tédio”, “Maldição”, “O Crepúsculo da Beleza” e tantos outros, que desmentem a fama de impassíveis dos parnasianos, isto sem esquecer nem mesmo poemas de carácter descritivo, como “O Caçador das Esmeraldas”, cujo ponto alto é o delírio do bandeirante, com tanta justiça encarecido por Ivan Junqueira.

Como vários críticos já apontaram, em *Tarde*, no domínio pleno da arte do verso, Bilac tinge alguns poemas de notas simbolistas, mas com aliteraões discretas; no soneto "As Estrelas", além das repetiões expressivas de fonemas, temos sinestesia: "E, enquanto, lentas, sobre a paz terrena,/ Vos tresmalhais tremulamente a flux,/ - Uma divina música serena// Desce rolando pela vossa luz:/ Cuida-se ouvir, ovelhas de ouro! A avena/ Do invisível pastor que nos conduz..."

É curioso o modo como o organizador da *Obra Reunida* timbra em considerar poetas como Castro Alves e Cruz e Sousa superiores a Bilac, o que, quer se concorde quer se discorde, não está de modo algum em causa. Aliás, para mostrar o que chama de "ufanismo quase delirantemente ingénuo" do poeta, em contraste com os "retratos terríveis ou mesmo pré-expressionistas da mendicância, da miséria etc., presentes em poemas simbolistas, Bueno serve-se dum dos textos das *Poesias Infantis*, livro que - repetimos - não figura nas *Poesias*, procedimento no mínimo estranho. Também estranho é o facto de falar, a certa altura, no "intercalamento de versos masculinos e femininos" (p.21), quando os poucos tratadistas que ainda usam terminologia falam de rimas masculinas (oxítonas) e femininas (paroxítonas), e não de versos. Não entendemos tão-pouco que a metrficação de Bilac seja "monótona" e a de Bocage "monocórdia" (p. 22).

Louve-se, porém, a idéia do organizador de pôr, antes dos textos de Bilac, o que foi apelidado de "Críticas e Depoimentos", com páginas de João do Rio, Nestor Vítor, Mário de Andrade, Humberto de Campos, Agrippino Grieco, Manuel Bandeira e Ivan Junqueira.

Pena é que na bibliografia seleccionada figurem vários livros de cunho exclusivamente biográfico, e não sejam citados os *Estudos de Literatura Brasileira*, de José Veríssimo, a *Pequena História da Literatura Brasileira*, de Ronald de Carvalho, e os mais recentes *De Anchieta a Euclides*, de José Guilherme Merquior, a *História da Inteligência Brasileira*, de Wilson Martins, e a *História da Literatura Brasileira*, de Massaud Moisés, livros onde há apreciaões críticas dignas de nota, por mais que delas possamos discordar.

Ao longo dos tempos, tem sido o poeta louvado e atacado, mas Otto Maria Carpeaux observou que "são raras as críticas desfavoráveis nas quais não se assinalassem qualidades ao lado dos defeitos". Assim, em nossos dias, se Wilson Martins vê em Bilac "a espontaneidade da inspiração e o extraordinário rigor técnico", para Massaud Moisés ele "gerou poemas estruturalmente correctos mas frios". Entretanto, ao falar dos aplausos que o poeta recebeu em vida e dos ataques que seriam desfechados pelos modernistas, o mesmo Massaud Moisés conclui: "um poeta menos denso ou brilhante não suscitaria tais aplausos ou iras apaixonadas".